

LETRAMENTO DIGITAL EM SAÚDE: O PAPEL DA PSICOLOGIA NO SUS PARA PROMOÇÃO DE SAÚDE, AUTONOMIA E TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

Adrielle Beze Peixoto¹
Ana Luísa Lopes Cabral²
Heren Nepomuceno Costa Paixão³
Jéssica Batista Araújo⁴
Joicy Mara Rezende Rolindo⁵

RESUMO

A sociedade contemporânea, marcada pela aceleração informacional e pela lógica da pós-verdade, reconfigura vínculos sociais, subjetividades e práticas de cuidado em saúde. No contexto do Sistema Único de Saúde (SUS), a desinformação tem implicações diretas sobre a adesão a políticas públicas e o adoecimento ético-político de trabalhadores, exigindo novas estratégias de intervenção psicossocial. A partir de uma revisão bibliográfica não sistemática, com base em autores como Humberto Maturana, Francisco Varela, Gregory Bateson e Edgar Morin, discute-se o letramento digital em saúde como ferramenta estratégica para a promoção da saúde e o fortalecimento da autonomia coletiva. A análise evidencia que o enfrentamento das fake news e da sobrecarga informacional demanda mais do que ações comunicacionais: requer práticas educativas dialógicas, participação comunitária e fortalecimento de vínculos sociais. A psicologia social da saúde, ao articular dimensões subjetivas, comunitárias e políticas, assume papel central nesse processo, promovendo letramento crítico, fortalecimento da cidadania e transformação social. Inspirado pela pedagogia freiriana, o letramento digital é compreendido como prática social emancipatória, capaz de articular saberes locais, tecnologia e cuidado. Conclui-se que a integração entre psicologia, saúde pública e letramento digital fortalece o SUS e amplia as possibilidades de construção coletiva de sentidos, cuidado e pertencimento na sociedade em rede.

PALAVRAS-CHAVE:

Letramento digital em saúde; Pós-verdade; Psicologia social; Sociedade da informação; SUS.

Devem ser inseridas de 3 a 5 palavras-chave, separadas entre si por ponto final e finalizadas por ponto final.

INTRODUÇÃO

A revolução digital transformou profundamente as formas de produção, comunicação e organização social, instaurando um novo paradigma técnico cultural baseado na conectividade e na circulação em rede. Para Castells (2009), essa revolução inaugura a sociedade da informação, na qual

¹Mestre em Sociologia, Curso de Psicologia da Universidade Evangélica de Goiás - UniEVANGÉLICA - adrielle.peixoto@unievangelica.edu.br

²Mestre em Psicologia, Curso de Psicologia da Universidade Evangélica de Goiás - UniEVANGÉLICA - ana.cabral@unievangelica.edu.br

³Doutora em Psicologia, Curso de Psicologia da Universidade Evangélica de Goiás - UniEVANGÉLICA - heren.paixao@docente.unievangelica.edu.br

⁴Mestre em Psicologia, Curso de Psicologia da Universidade Evangélica de Goiás - UniEVANGÉLICA - jessica.araujo.psi@outlook.com

⁵Doutoranda em Educação, Curso de Psicologia da Universidade Evangélica de Goiás - UniEVANGÉLICA - joicy.rolindo@gmail.com

informação se torna o principal vetor de poder e reconfiguração das relações sociais, políticas e econômicas. Esta sociedade da informação, marcada pela sobrecarga de dados e pela fluidez das fronteiras entre verdade e opinião, tem produzido novas formas de sofrimento psíquico e social. Como observa o autor, vivemos em uma era em que o poder está escrito nas redes de informação e na capacidade de manipular seus significados.

Essas transformações não se limitam à dimensão tecnológica, modificam também os modos de ser e estar no mundo, reconfigurando vínculos, subjetividades e práticas de trabalho. Nesse contexto, a lógica da pós-verdade, em que crenças e afetos se sobrepõem a fatos verificáveis, fragiliza a confiança nas instituições e impacta diretamente as práticas de saúde pública. No Sistema Único de Saúde, a desinformação sobre vacinas, transtornos mentais e políticas públicas têm dificultado a adesão às ações de cuidado e sobrecarregado os trabalhadores, intensificando experiências de burnout e sofrimento ético-político (Lévy, 2010; D’Ancona, 2018; Santos & Silva, 2022).

Conforme Morin (2015), a fragmentação cognitiva típica da sociedade da informação impede a compreensão da complexidade dos fenômenos humanos, reduzindo o cuidado a procedimentos técnicos e desarticulando o sujeito de seu contexto. Assim, o enfrentamento das ‘fake news’ e da produção de adoecimento no Sistema Único de Saúde requer não apenas estratégias comunicacionais, mas uma política de letramento digital crítico e de promoção de saúde mental que considere dimensões simbólicas, relacionais e comunitárias da experiência do adoecer e do viver.

A aceleração informacional e a mediação digital das interações humanas produzem novos desafios éticos psicossociais (Han, 2017), exigindo aos profissionais da psicologia considerar em sua prática as desigualdades, vigilância e exclusão digital, assim como o impacto nas condições de cuidado, pertencimento e participação social. Nesse sentido, o letramento digital em saúde pode vetor estratégico para promover saúde e transformação social quando reconfigurado como prática social, política e educativa.

Isto posto, o seguinte artigo objetiva discutir as contribuições da psicologia social da saúde a partir das contribuições de Maturana e Varela, Bateson e Morin, para a qualificação do letramento

¹Mestre em Sociologia, Curso de Psicologia da Universidade Evangélica de Goiás - UniEVANGÉLICA - adrielle.peixoto@unievangelica.edu.br

²Mestre em Psicologia, Curso de Psicologia da Universidade Evangélica de Goiás - UniEVANGÉLICA - ana.cabral@unievangelica.edu.br

³Doutora em Psicologia, Curso de Psicologia da Universidade Evangélica de Goiás - UniEVANGÉLICA - heren.paixao@docente.unievangelica.edu.br

⁴Mestre em Psicologia, Curso de Psicologia da Universidade Evangélica de Goiás - UniEVANGÉLICA - jessica.araujo.psi@outlook.com

⁵Doutoranda em Educação, Curso de Psicologia da Universidade Evangélica de Goiás - UniEVANGÉLICA - joicy.rolindo@gmail.com

digital em saúde como instrumento de promoção de saúde e transformação social. Para tal, utilizou-se metodologicamente a revisão bibliográfica não sistemática de caráter teórico-analítico, fundamentada na perspectiva qualitativa e crítica das ciências humanas e sociais aplicadas à saúde.

A opção por essa metodologia se justifica pela intenção de compreender a complexidade das relações entre letramento digital em saúde, políticas públicas de saúde e práticas da psicologia social de saúde, sem o objetivo de esgotar a produção existente, mas de articular diferentes referenciais teóricos e políticos relevantes. Foram consultadas fontes institucionais, como relatórios e diretrizes do Ministério da Saúde (2020), da Fiocruz e do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), além de artigos científicos indexados em bases como SciELO e BVS Saúde.

REVISÃO DA LITERATURA

A nova configuração social, chamada de sociedade em rede por Castells (2019), marcada pela hiperconectividade e imediatez das informações, impacta os processos saúde doença, pois redefine as maneiras pelas quais sujeitos e coletivos produzem sentidos sobre o corpo, o cuidado e o adoecer. Ao mesmo tempo em que amplia o acesso à informação, a digitalização pode intensificar desigualdades de acesso, vulnerabilidades cognitivas e a exposição à desinformação, que como argumenta Han (2017), geram sobrecarga psíquica e produzem subjetividades marcadas pela performance, pela vigilância e pelo adoecimento silencioso. Nesse sentido, a saúde passa a ser vivida também no plano informacional, o que exige uma leitura complexa e interdependentes das dimensões biológicas, sociais, tecnológicas e simbólicas.

Nesse contexto, a circulação acelerada de informações digitais e a proliferação de notícias falsas (*fake news*) têm impactos diretos na saúde coletiva e nos processos de cuidado. Estudos apontam que a presença de conteúdos falsos ou distorcidos contribui para a insegurança, o medo e o adoecimento, evidenciando a necessidade de estratégias integradas de letramento digital em saúde, que combinem educação crítica, mediação comunitária e políticas públicas proativas. Nesse cenário, o enfrentamento da pós-verdade não é apenas comunicacional, mas um desafio ético-político para o

¹Mestre em Sociologia, Curso de Psicologia da Universidade Evangélica de Goiás - UniEVANGÉLICA - adrielle.peixoto@unievangelica.edu.br

²Mestre em Psicologia, Curso de Psicologia da Universidade Evangélica de Goiás - UniEVANGÉLICA - ana.cabral@unievangelica.edu.br

³Doutora em Psicologia, Curso de Psicologia da Universidade Evangélica de Goiás - UniEVANGÉLICA - heren.paixao@docente.unievangelica.edu.br

⁴Mestre em Psicologia, Curso de Psicologia da Universidade Evangélica de Goiás - UniEVANGÉLICA - jessica.araujo.psi@outlook.com

⁵Doutoranda em Educação, Curso de Psicologia da Universidade Evangélica de Goiás - UniEVANGÉLICA - joicy.rolindo@gmail.com

SUS, que precisa articular promoção de saúde, vigilância informacional e participação comunitária de forma integrada. (D'Acona, 2018; Fiocruz, 2021).

No contexto brasileiro, o Sistema Único de Saúde (SUS) se configura como o principal campo de enfrentamento das iniquidades sociais e de concretização do direito à saúde. As transformações digitais apresentam-se como desafio e oportunidade para esse sistema, que precisa articular a ampliação do acesso tecnológico com a democratização do conhecimento em saúde. A estratégia de saúde digital para o Brasil 2020-2028 aponta o letramento digital como eixo fundamental para a efetividade da atenção e da gestão, reconhecendo que a inclusão digital não se limita à conectividade, mas envolve capacidades críticas e éticas de uso da informação. Dessa forma, o letramento digital em saúde se insere como uma política de promoção de saúde e cidadania, na medida em que possibilita o empoderamento dos sujeitos e o fortalecimento da autonomia coletiva na tomada de decisões sobre o cuidado (Ministério da Saúde, 2020; Fiocruz, 2021; IPEA, 2024).

A psicologia nas políticas públicas de saúde tem papel estratégico nesse processo, uma vez que articula dimensões subjetivas, comunitárias e sociopolíticas da experiência de adoecimento e de cuidado. A partir da perspectiva da Psicologia social comunitária, compreende-se que o letramento digital em saúde não é apenas uma competência técnica, mas uma prática social e emancipatória (Gonçalves & Portugal, 2016). Ao promover processos dialógicos e participativos inspirados na educação popular de Paulo Freire, o psicólogo pode contribuir para comunidades se apropriem criticamente da informação, identifiquem fake news e participem ativamente da construção de sentidos sobre saúde e doença.

DISCUSSÃO

A psicologia desempenhou um papel fundamental na construção e efetivação do SUS, especialmente ao trazer perspectivas que articulam saúde, subjetividade e contexto social. O psicólogo atua não apenas na atenção direta a usuários, mas também na mediação de processos educativos, na

¹Mestre em Sociologia, Curso de Psicologia da Universidade Evangélica de Goiás - UniEVANGÉLICA - adrielle.peixoto@unievangelica.edu.br

²Mestre em Psicologia, Curso de Psicologia da Universidade Evangélica de Goiás - UniEVANGÉLICA - ana.cabral@unievangelica.edu.br

³Doutora em Psicologia, Curso de Psicologia da Universidade Evangélica de Goiás - UniEVANGÉLICA - heren.paixao@docente.unievangelica.edu.br

⁴Mestre em Psicologia, Curso de Psicologia da Universidade Evangélica de Goiás - UniEVANGÉLICA - jessica.araujo.psi@outlook.com

⁵Doutoranda em Educação, Curso de Psicologia da Universidade Evangélica de Goiás - UniEVANGÉLICA - joicy.rolindo@gmail.com

implementação de programas de prevenção e no fortalecimento de vínculos comunitários, o que se torna essencial para efetivar políticas de saúde digital e de letramento digital em saúde.

Nesse contexto, a atuação psicológica contribui para que indivíduos e coletivos desenvolvam competências críticas para interpretar informações, avaliar fontes confiáveis e tomar decisões de cuidado informadas, fortalecendo a autonomia e a participação cidadã (Freire, 1970; Bateson, 1972). Assim, a integração da psicologia às estratégias de letramento digital no SUS representa uma abordagem sistêmica e emancipatória, capaz de promover não apenas habilidades técnicas, mas também consciência crítica e transformação social nos processos de saúde e doença.

A análise das práticas de letramento digital no SUS pode se beneficiar das contribuições da biologia do conhecimento de Maturana e Varela (1997) e da ecologia da mente de Bateson (1972), que enfatizam a interdependência entre sistemas, comunicação e construção de sentido. Maturana e Varela defendem que o conhecimento é uma construção relacional, emergente das interações entre os sujeitos e seus contextos, o que implica que qualquer intervenção em saúde — inclusive o letramento digital — deve considerar a experiência, os saberes prévios e as práticas culturais das comunidades. Nesse sentido, o letramento digital não se reduz a uma transferência técnica de habilidades, mas envolve processos de coaprendizagem, participação e negociação de significados entre usuários, profissionais e comunidades.

Bateson (1972) complementa essa perspectiva ao destacar que os padrões de informação e os feedbacks em um sistema são determinantes para a aprendizagem e a adaptação. Aplicado ao SUS, isso sugere que estratégias de letramento digital devem criar ecologias comunicacionais nos quais a população possa validar, questionar e reorganizar informações sobre saúde, promovendo retroalimentação constante entre cidadãos, profissionais e instituições. Essa abordagem sistêmica permite que práticas educativas sejam continuamente ajustadas às necessidades locais, reduzindo riscos de desinformação e fortalecendo a autonomia comunitária.

Além disso, o uso de ferramentas digitais no SUS precisa ser mediado por uma perspectiva crítica e ética, articulando princípios da Psicologia Social Comunitária com a pedagogia freiriana (Freire, 1970). As intervenções devem integrar espaços de diálogo, reflexão coletiva e produção

¹Mestre em Sociologia, Curso de Psicologia da Universidade Evangélica de Goiás - UniEVANGÉLICA - adrielle.peixoto@unievangelica.edu.br

²Mestre em Psicologia, Curso de Psicologia da Universidade Evangélica de Goiás - UniEVANGÉLICA - ana.cabral@unievangelica.edu.br

³Doutora em Psicologia, Curso de Psicologia da Universidade Evangélica de Goiás - UniEVANGÉLICA - heren.paixao@docente.unievangelica.edu.br

⁴Mestre em Psicologia, Curso de Psicologia da Universidade Evangélica de Goiás - UniEVANGÉLICA - jessica.araujo.psi@outlook.com

⁵Doutoranda em Educação, Curso de Psicologia da Universidade Evangélica de Goiás - UniEVANGÉLICA - joicy.rolindo@gmail.com

compartilhada de conteúdos, promovendo não apenas competência técnica, mas também consciência crítica sobre os processos de circulação de informação. Assim, o letramento digital se constitui como uma prática de cuidado ampliado, que articula saúde, educação e participação social, fortalecendo a capacidade do SUS de atender à diversidade de necessidades e contextos.

Essa abordagem indica que o letramento digital em saúde deve ser entendido como um processo complexo, relacional e contínuo, capaz de articular tecnologia, saberes locais e práticas profissionais, promovendo não apenas acesso à informação, mas transformação social e empoderamento coletivo, alinhando-se aos princípios do SUS e aos desafios contemporâneos da sociedade da informação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A crescente digitalização dos serviços de saúde e a difusão massiva de informações em plataformas digitais colocam o letramento digital em saúde como condição necessária para o acesso efetivo, crítico e equitativo aos recursos do sistema de saúde. Estudos e revisões produzidos por instituições acadêmicas e de saúde apontam que o letramento digital em saúde precisa ser concebida além do domínio instrumental, incorporando competências cognitivas, críticas e socioculturais para avaliar, interpretar e usar informação em contextos concretos de vida. Esse campo ainda exige maior incorporação de dimensões sociais, culturais e comunitárias nas investigações e nas intervenções.

Sob a ótica da ecologia da mente, proposta por Bateson (1972) e da Biologia do conhecimento de Maturana e Varela (2001), o cuidado em saúde deve ser entendido como um sistema vivo e interconectado, em que corpo, mente, tecnologia e ambiente se afetam mutuamente. Assim, ao integrar o pensamento complexo de Morin (2015), a ecologia Batesoniana e a teoria de Maturana e Varela, à prática psicológica no SUS, significa compreender o letramento digital como um processo coletivo de reconstrução simbólica, política e ética do cuidado, indispensável à promoção da saúde em tempos de pós-verdade.

REFERÊNCIAS

¹Mestre em Sociologia, Curso de Psicologia da Universidade Evangélica de Goiás - UniEVANGÉLICA - adrielle.peixoto@unievangelica.edu.br

²Mestre em Psicologia, Curso de Psicologia da Universidade Evangélica de Goiás - UniEVANGÉLICA - ana.cabral@unievangelica.edu.br

³Doutora em Psicologia, Curso de Psicologia da Universidade Evangélica de Goiás - UniEVANGÉLICA - heren.paixao@docente.unievangelica.edu.br

⁴Mestre em Psicologia, Curso de Psicologia da Universidade Evangélica de Goiás - UniEVANGÉLICA - jessica.araujo.psi@outlook.com

⁵Doutoranda em Educação, Curso de Psicologia da Universidade Evangélica de Goiás - UniEVANGÉLICA - joicy.rolindo@gmail.com

ANAIS DO 49º SEMINÁRIO DE ATUALIZAÇÃO DE PRÁTICAS DOCENTES

- BATESON, G. Rumo a uma ecologia da mente. 1. ed. São Paulo: Ubu Editora, 2025.
- CASTELLS, M. A sociedade em rede. Vol. 1. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.
- D'ANCONA, M. Pós-verdade: a nova guerra contra os fatos em tempos de fake news. Faro Editorial, 2018.
- FREIRE, P. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.
- GONÇALVES, M. A.; PORTUGAL, F. T. Análise histórica da Psicologia Social Comunitária no Brasil. Psicologia: Ciência e Profissão, v. 36, n. 2, p. 369–383, 2016.
- HAN, B.-C. Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder. Petrópolis: Vozes, 2017.
- INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA). Estado digital: conectividade significativa. Brasília: IPEA, 2024.
- LÉVY, P. Cibercultura. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2010.
- MATURANA, H. R.; VARELA, F. J. A árvore do conhecimento: as bases biológicas do entendimento humano. 3. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1997.
- MINISTÉRIO DA SAÚDE. Estratégia de saúde digital para o Brasil 2020-2028. Brasília: Ministério da Saúde, 2020.
- MORIN, E. Introdução ao pensamento complexo. 5. ed. Porto Alegre: Sulina, 2015.
- SANTOS, L. M. P.; SILVA, R. M. Sofrimento ético-político e desinformação em tempos de pandemia: desafios para o SUS e para a psicologia. Revista Psicologia e Sociedade, v. 34, n. 1, 2022.

¹Mestre em Sociologia, Curso de Psicologia da Universidade Evangélica de Goiás - UniEVANGÉLICA - adrielle.peixoto@unievangelica.edu.br

²Mestre em Psicologia, Curso de Psicologia da Universidade Evangélica de Goiás - UniEVANGÉLICA - ana.cabral@unievangelica.edu.br

³Doutora em Psicologia, Curso de Psicologia da Universidade Evangélica de Goiás - UniEVANGÉLICA - heren.paixao@docente.unievangelica.edu.br

⁴Mestre em Psicologia, Curso de Psicologia da Universidade Evangélica de Goiás - UniEVANGÉLICA - jessica.araujo.psi@outlook.com

⁵Doutoranda em Educação, Curso de Psicologia da Universidade Evangélica de Goiás - UniEVANGÉLICA - joicy.rolindo@gmail.com